

Bruta Aventura em Versos

00:00

Isso aqui não é um diário mesmo, de verdade, não é meu diário. Aqui é fingido, inventado, certo? Não é realmente parte da minha vida, né. É uma construção.

00:26

Uma vez eu escrevi que poesia era retirar a pele dos sentimentos para transformá-los em palavra. A Ana rasga. Ninguém passa de raspão por ela. A poesia dela abre, fundo. Abre até o ponto em que não se sabe onde ficou o anzol. Todo poeta tem esse encanto pelo azul. Mas é só a Ana que vai falar do “wide sargasso azul, azul que não me espanta e canta como uma sereia de papel”. A Ana consegue ser absolutamente universal e delicadamente particular. Mas é preciso tentar. Tentar além da Ana; tentar através da Ana. Porque talvez assim - e só assim - seja possível segurá-la no salto ou segurá-la no ar.

01:25

A Ana... Eu tava pensando agora, assim... Quando é que eu conheci Ana Cristina – conheci... Conheci a obra da Ana? Aí eu me lembrei que eu tava um dia numa conversa, não me lembro nem com quem era, mas eram com amigos poetas, provavelmente Augusto ou Alice, Mariano, não sei quem foi, e eles falavam assim: ah, porque a Ana ou Ana Cristina e falavam de alguma poeta com uma intimidade muito grande. E eu ficava morrendo de vergonha. Eu falava gente, quem será essa Ana? Quem é essa poeta que eles falam assim tão à vontade? Ou é amiga ou é alguém, sei lá, alguma poeta que eu nunca ouvi contar. E eu, realmente, eu nunca tinha ouvido falar, era uma grande poeta que eu nunca tinha ouvido falar. Não era amiga deles. E aí eu fui, procurei.

02:19

Eu sou a Ana Cristina Cesar e acabei, lancei, A Teus Pés, meu primeiro livro lançado por editora.

02:31

Esse aqui chama Samba-Canção. Tantos poemas que perdi. Tantos que ouvi, de graça, pelo telefone – taí,, eu fiz tudo pra você gostar, fui mulher vulgar, meia-bruxa, meia-fera, risinho modernista arranhado na garganta, malandra, vândala, talvez maquiavélica, e um dia emburrei-me, vali-me de medidas (era uma estratégia), fiz comércio, avara, embora um pouco burra, porque inteligente me punha logo rubra, ou ao contrário, cara pálida que desconhece o próprio cor-de-rosa, e tantas fiz, talvez querendo a glória, a outra cena à luz de spots, talvez apenas teu carinho, mas tantas, tantas fiz...

03:20

No fim do ano passado, eu descobri essa filmagem da Ana em 1982, no lançamento do A Teus Pés. Eu mandei um e-mail pro Armando Freitas Filho, o curador da obra dela, perguntando se ele conhecia. E ele me respondeu: claro. Esse poema, Samba-Canção, a Ana fez pra mim.

03:46

Eu conheci a Ana mais ou menos em 1972, 73. Ela era muito moça, muito mocinha, menina ainda, né, quer dizer, mas já escrevia, porque escreveu, essa sim, escreveu desde sempre, desde dois anos. Ela ditava para a mãe o que ela queria, o que devia ser escrito, mesmo antes de, vamos dizer, aprender a escrever. Ela ditava para a mãe e a mãe contava que ela ditava saltando de um lugar para outro, brincando no, vamos dizer, sofá, ela ficava pulando de um lado para outro e falava: “toma nota disso, ta, ta, ta, ta”.

05:35

Você lembra da sensação quando leu os primeiros poemas da Ana?

05:39

A sensação foi uma sensação de pérola, se é que se pode dizer isso. É você descobrir como você descobre dentro de uma ostra escura uma coisa que brilha e que tem uma luz, compreende, mesmo que hesitante, como a luz que a pérola tem. Eu fiquei, assim, espantado com os pontos que ela tocava, onde ela tocava, compreende? Eram pontos que não eram tocados ainda principalmente por uma moça, compreende, por uma pessoa tão moça, tão... E tão discreta. Ela era muito discreta na vida pessoal e bastante indiscreta na poesia.

07:19

Era diário e não era. Era uma coisa meio cifrada, era uma coisa meio fragmentada, mas era poesia. É estranho porque não tinha nada que identificasse como poesia porque não tinha rima, não tinha o ritmo de poesia, era uma anotação. Mas era uma anotação que era com uma carga poética muito grande. Porque tinha uma condensação em palavras muito grande. Então, eu fiquei muito fascinada com aquilo, sabe, com essa liberdade e ao mesmo tempo com essa densidade. E depois, ela arrasta mesmo, Ana Cristina arrasta porque você quer mais, né?

08:19

Agora são os dados técnicos. Esse é um filme... Você lembra o mês? *Não.* Esse é um filme sobre o lançamento do... *Não, vamos lá de novo.* Isso é um filme do lançamento da antologia 26 Poetas Hoje, organizado pela Heloísa Buarque de Hollanda e esse lançamento aconteceu no Parque Lage, em 1976.

08:40

Helô fez uma antologia que saiu em 1976, 26 Poetas Hoje, com uma aposta, compreende, uma aposta alta, em autores que ninguém tinha ou quase ninguém tinha ouvido falar.

09:09

Olha, eu conheci a Ana da melhor forma possível: pelo texto dela. Eu não conhecia ela e eu tava organizando os 26 Poetas Hoje. Aí minha amiga Clara Alvim, ela me indicou o nome da Ana Cristina que era aluna dela na PUC. Aí eu fui ler o texto dela e achei muito bom. Então, marquei de conhecer ela e foi num daqueles encontros políticos no Teatro Casa Grande. Aí a Clara nos apresentou e ela saiu correndo. Ela deu bom-dia e saiu correndo, ficou vermelha, vermelha e saiu correndo. Então, eu só fui encontrar com ela um tempo depois. Ela ficou em

pânico. Engraçado ela ter tido esse pânico, eu fiquei perplexa vendo aquela pessoa sair correndo.

10:00

É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço.

10:26

E a poesia marginal começou a aparecer num momento de censura, de vazio, todos os nossos amigos tinham ido embora pro exílio. Eu trabalhava na universidade, a universidade te dava listas do que não podia ler. Era uma loucura. E o que não podia ler era ridículo porque não tinha nada demais. Tudo que era indústria cultural naquele momento era muito olhado. E a poesia, quem é que vai ler poesia, é um público tão pequeno que não valia o investimento de colocar censura nisso. Então, relaxaram quanto à poesia. E começou a se formar uma massa grande de poeta por toda a parte. Era um inferno, aliás, porque você ia ao cinema, entrava na fila e tinha, quando você chegava entrando na sala do cinema, você tinha comprado dez livros só para se livrar do poeta, porque eles te davam mesmo agressivamente. Então, era uma coisa nova que não tinha na cena cultural. Nem essa forma de venda nem essa figura desse poeta que faz seu próprio livro e entrega – não tinha nada disso. Então, eu comecei a me interessar muito por isso. Pelo dois motivos. Um motivo era: afinal, essa geração consegue falar de alguma forma.

12:41

Ah, era uma coisa pré-histórica: você tinha um stêncil que era uma, era como um carbono com um celulóse, sei lá, você batia à máquina, você ia para a máquina de escrever, você batia, aquela coisa, tirava o carbono e botava aquilo numa máquina rotativa e botava tinta ali. Onde tinham as letrinhas furadas com a máquina, a tinta entrava ali e imprimia num papel. A gente escrevia o livro em mimeógrafo, eram cem cópias em mimeógrafo, mas a coisa acontecia, porque não tinha outra coisa acontecendo.

13:26

Ai, ai, ai, ai, ai, ai, pra mim também!

13:37

Se meu Édipo falasse eu diria até logo e pegaria um táxi.

13:57

Era uma época mágica, na verdade, porque era tudo esquisito na época. Não só a repressão policial, do governo militar que era um esquisito trágico e violento quanto a psicodelia do período, de Beatles a Rolling Stones aos ácidos lisérgicos, toda aquela transgressão, aquele necessidade de se abrir novos caminhos, outros caminhos que não aquele da tradição, aquilo tava muito forte nos anos setenta. Nós achávamos que tínhamos que fazer um pacto com a revolução e não um diálogo com a tradição. Toda aquela lisergia do período era mais próxima da gente, do grupo da Nuvem Cigana, coisa que a Ana Cristina não, aparentemente, não se emocionava tanto com isso.

15:12

Ana Cristina é marginal, Ana Cristina não é marginal? Eu acho que ela é marginal, porque ela, geracionalmente ela se identificava muito com aqueles poetas. Ela saía, passava fins de semana juntos, ela namorou uns 30% dos poetas marginais – ela era muito integrada ao perfil da juventude que se conheceu como marginal, eram os grandes amigos dela. Era o grupo que ela convivia. Mas ela tinha um diferencial, porque Ana Cristina é muito literária. E o compromisso maior da literatura marginal é ser um pouco descartável, um pouco irresponsável em relação ao artesanato mais bem-feito, um artesanato mais literário. E a poesia marginal se queria improvisado, ouvido ao acaso, fragmento mas fragmento do que você tava ouvindo – eram recortes, não eram fragmentos. E Ana Cristina não fazia isso. Ana Cristina era uma literatura que saía de dentro e era muito pensada e era muito reescrita. Ela só liberava um texto depois dele estar muito satisfatório do ponto de vista literário que era o que a bandeira marginal rejeitava.

16:32

É difícil dizer porque eu não sou um grande leitor da Ana Cristina Cesar, eu tenho que confessar isso. Ela dialoga muito com a tradição, coisa que eu não tenho, sabe? Agora, eu acho que um humor, assim, mais requintado, um certo sorrir com o canto da boca, sabe? Uma certa ridicularia da tradição, das cartas e... Eu acho isso muito interessante nela, sabe? Talvez seja isso que pegue. Esse humor dela, de certa forma, em brincar com a tradição ou ironizar a tradição e uma beleza profunda de poemas que são extraordinários.

17:37

Tem um que eu até procurei copiar. Que eu tenho uma paródia a um poema dela que é, que escova as gengivas com arame, de sangrar as gengivas, quando ela lê um texto, eu leio... Enfim. Eu esqueço o nome do poema e o poema em si, e eu fiz um poema chamado Ana C., que dialoga com esse poema. Eu acho essa imagem muito forte, muito bonita, dela, como é que é? *Olho o corpo de um poema...* Isso! Olho o corpo de um poema até perder de vista o que é corpo e sentir nas gengivas o gosto de sangue. Não é isso? E eu fiz uma coisa muito próxima de tão mexido que eu fiquei com esse poema, sabe? Que é: olho o poema até perder de vista o que é noite, virgula, eu ou você. Até restar apenas voceu. É uma homenagem a ela, não chega aos pés do dela, mas é interessante. Eu gosto do poema. Foi o que eu consegui fazer.

19:08

E quando eu li esse poema, aquele “olho muito tempo para o corpo de um poema até perder de vista o que não seja corpo” e enfim, não me lembro de cór, mas, quando eu li esse poema foi que tudo meio que fez sentido de alguma maneira, mesmo sem ter entendido muito bem o que ele queria dizer, até hoje acho que não entendo, acho que a idéia é essa mesmo. Mas enfim, esse poema que me fez procurar saber mais e no dia seguinte eu fui à Travessa e comprei o livro, esse aqui. Porque, o que eu gostei daqui é que assim: primeiro que ele ta em ordem mais ou menos cronológica da vida dela. E ela escreveu poemas incríveis e isso ao mesmo tempo faz com que a gente se sinta muito mal, né, porque a gente não escreveu poemas incríveis com menos de quinze anos, acho que ao mesmo

tempo motiva a escrever. Esse poema eu adoro: Mancha. Tenho dezesseis anos, sou viúva de família azul e cabelos esvoaçantes e nada rebeldes. Sou genial sob todos os pontos de vista, inclusive de perfil. A poesia é uma mentira, mora. Pelo menos me tira da verdade relativa e ativa a circulação consanguínea. A pedra filosofal é um tanto quanto besta. Plutarcoplátãoplauto, Plutãoturcotãopauto, Platocotãopuloplau. Desisto, tenho dezesseis anos e perdi-me agora rabiscando-te. Enfim, eu acho sensacional ler coisas que ela escreveu aos dezesseis anos e coisas tão legais e enfim.

21:04

E esse livro daqui é legal porque é um livro didático mesmo, acho que parece até que foi feito para o meu primeiro contato mesmo. Porque tem uma espécie de glossário que destrincha todo o poema. Aí aqui: a poesia é uma mentira, mora? Mora é percebe, entende. Eu achei muito legal! E explica quem é Plutarco, quem é Platão. Esse livro foi fundamental, assim, até para essas coisas mais didáticas do português até pra explicar coisas da poesia dela. Tem um que ela diz “com você sou lago, montanha”, uma coisa assim. E aí explica que Lago e Montanha na verdade é o livro do Chico Alvim. Aqui, achei. Sem você bem que sou lago, montanha. Penso num homem chamado Herberto. Me deito a fumar debaixo da janela. Respiro com vertigem, rolo no colchão. E sem bravata, coração, aumento o preço. Aí tem aqui a nota: lago e montanha é o título de um livro do poeta brasileiro Francisco Alvim.

22:28

Aqui mesmo... Tem um índice onomástico aqui que dá algumas pistas de autores com os quais eu cruzo, eu copio, cito descaradamente. Olha, todo autor de literatura faz isso, só que uns dizem e outros não dizem.

22:54

Tem esse aqui, Homem Público Número Um (Antologia), que já é um título totalmente misterioso. Eu adoro os títulos dela, assim. É tarde aprendi: bom mesmo é dar a alma como lavada. Não há razão para conservar este fiapo de noite velha. Que significa isso? Há uma fita que vai sendo cortada deixando uma sombra no papel. Discursos detonam, não sou eu que estou ali de roupa escura sorrindo ou fingindo ouvir. No entanto, também escrevi coisas assim para pessoas que nem sei mais quem são, de uma doçura venenosa de tão funda.

23:36

Agora, sabe o que é esse poema? Esse poema não é meu literalmente. Aí é que existe uma questão da autoria que é sempre balançada. Você nunca sabe direito quem é o autor, sabe? Autoria é uma coisa muito esquisita. O Drummond escreveu uma crônica e isso aqui são pedaços, frases, palavras da crônica do Drummond. É o que você chama de poema desentranhado de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade, tá? Então, tinha aquela crônica assim e eu extraí dali, roubei dali umas tantas palavras que fizeram um poema.

24:38

Tem algum poema seu que você acha que tem uma referência direta dela?

24:42

Tem! Tem um que o título, o título era... E agora? Eu acho que o título era Inéditos & Dispersos, o mesmo título do livro dela. Do livro que não foi ela que fez. Mas tem. Eu fiz e aí o editor, o Jorge, ele sugeriu, ele falou, Laura, você não acha que tem que tirar, tá uma referência muito direta e tal. Ele tem toda a razão. Porque acaba que direciona muito a leitura do poema.

25:14

É esse aqui. Ó: tem uma referência direta. Tem um verso dela aqui. Mas ta entre aspas, eu sou idiota, eu devia ta com medo. Eu deveria ter colocado sem aspas nenhuma, mas eu coloquei com. Chama "Dispersa". Vejo-a como um talvez Ceu de estrelas, dispersa e rasto. Estréia de uma noite nova que estica a latitude, do remédio ao riso. Poesia sem arreios, que passa rasgando, ciente do que é útil, do que é útil ao poema. Sua marca na fotografia é sempre uma outra – rosto imperscrutável. Do infinito em luz que a mim se misturava. É isso, aí eu pus no final, ta vendo, destacado, aqui e com as aspas: isso aqui é medo.

27:01

É, tem também, como é que é? Parece que existe uma saída, parece que existe uma saída exatamente aqui onde eu pensava que todos os caminhos terminavam. Aqui. Uma saída de vida. Em pequenos passos, apesar da batucada. Parecer querer deixar rastros. Oh yeah, parece querer deixar. Agora que você chegou, eu não preciso mais me roubar.

27:30

E a minha pesquisa começou, alguma coisa no texto gerava uma tensão que poderia ser revelada em movimento. E eu acho que essa era a base do trabalho. Qual é a forma de revelar o que o texto trazia em movimento.

27:51

E eu acho também que a gente foi desdobrando, foi entrando na obra mais durante o processo de ensaio.

28:01

Meu último solo que eu fiz há dois anos atrás ainda tem coisa da Ana, que é uma fala da Ana linda, que ela fala se você me ama por que não se concentra? Que é uma coisa assim... Pra quê dizer mais? Essa coisa da Ana de conseguir ser tão sucinta e ferina e aguda. Um poder de síntese. Isso é delicioso.

28:28

Eu me separei. Vou contar essa historinha. Eu me separei e aí, me separei. Vinte e cinco anos de casado. E me separei. E entrei numa casa meio destruída, meio nos escombros, assim. A primeira coisa que eu fiz foi botar uma poesia da Ana Cristina na parede. Nunca pensei sobre isso, mas agora... Foi a primeira coisa. Cheguei lá e escrevi "estou vivendo de hora em hora com muito temor". E era como eu tava mesmo. E tinha certeza que ia rolar um safári.

29:04

Na última vez que eu fui na casa da Heloísa, ela me puxou num canto e me deu esse livrinho e disse assim: se você quer entender a Ana, você tem que ler o Correspondência Completa.

29:28

Eu tava com ela em Búzios e ela tinha mania de carta. Ela mandava muita carta para todo mundo, carta, carta, carta. Aí eu disse: Ana, vamos fazer uma livro. É sempre a mesma coisa: o ensaio de uma mentira. Mentira é uma palavra ruim, ensaio de um engano, ensaio de uma ambigüidade. Então eu falei: Ana, escreve uma carta longa aí, uma cartona, e a gente faz um livrinho chamado Correspondência Completa. Não é a correspondência completa e é uma carta só aqui dentro, então é o máximo dessa brincadeira que não é bem brincadeira, que ela fazia. Aí depois a gente levou num cara do silk pra fazer o aviãozinho e foi tudo Xerox aqui dentro, cortado com a mão e grampeado.

30:32

E aqui eu acho que pela primeira vez – ele começa na segunda edição. Ele é todo mentiroso. Eu acho engraçado porque Ana Cristina se deliciava com o engano, enganar. Então, ele não tem primeira edição. Eu me lembro tanto desse momento em que a gente botou a segunda edição, ela disse ‘os bibliófilos vão ficar procurando a primeira edição e não existe’. Eu to contando esse episódio porque eu acho que tem a ver com a estética dela, com a dicção dela. Ela realmente tinha isso, cadê a primeira edição? Começou pela segunda. Quer dizer, é sempre um despistar. Ela bota atrás uma bibliografia dela falando de uma coisa que não existe, é o próximo, na gráfica, no prelo, não me lembro bem. Ou então, o livro anterior. Então, é um livro que não existe – quer dizer, é de enlouquecer um cristão que sai procurando, gente que faz tese, coitado.

31:23

Então, é uma sucessão, são camadas de cenas e de intenções e de enganos e de pistas que numa coisinha deste tamanhinho, aqui tem uma camada assim de intencionalidades.

31:39

E quando você vai tentar chegar perto dela, ela escapa. É um pouco essa sereia de papel que tem em um poema dela, sempre essa sereia de papel que ta flutuando no espaço como um navio, quando você chega perto, escapa, daqui a pouco ela volta, enfim.

32:01

Aqui. O poema se chama Ana C. Queria nadar nas piscinas em que os semideuses fumam pelos despedaçados muros do espetáculo. A rua bem se sabe permanece como uma pluma de chumbo. Queria saber misturar Gertrude Stein com Billy the Kid, mas caio aqui mesmo nessa autoestrada. Nessa via sem heróis de plástico e sem bandeiras para hastear. Vou dar minha orelha a um cego e caminhar pelo lado sombrio da calçada.

32:37

Poema é o espaço onde você inventa tudo. Onde você pode dizer tudo. De repente eu digo: isto aqui não é um livro, isto aqui sou eu. Eu caio nos teus braços, eu estou a teus pés, leitor. Isso representa o escancaramento do desejo, que todo texto desejaria não ser texto. Em todo texto o autor morre.

33:24

Você quando tá escrevendo, o impulso basicamente de você escrever é mobilizar alguém. Mas você não sabe direito quem é esse alguém. Quando você escreve uma carta, você sabe.

33:38

Você ainda guarda algumas cartas dela, você ainda têm?

33:42

Tenho. Tenho as que eu publiquei, mas eu não tenho todas, que eu não guardei todas. Tá muito velhinho. E eu fico com pena porque ela escreveu muito mais mas eu só guardei algumas – e algumas, ó, é muito. Quer dizer, ela escrevia compulsivamente. Olha o tamanho das cartas, tudo escrito à mão, muito regular, elas são enormes.

34:10

Helô, minha querida. Desculpe a demora, e o suspense e os cartões enigmáticos e os telefonemas desvairados. Mas só agora cheguei mesmo no meu canto e posso escrever direito. Direito mais ou menos porque hoje tirei um quisto do olho e estou de pirata, com imensas bandagens extravagantes debaixo dos óculos. Lance de hospital público inglês, tantos velhos puxando papos deprimidos, a enfermeira segurando sua mão na hora da anestesia, falando banalidades to cheer you up, e você sai de um olho só, sem equilíbrio, passantes lançam olhares discretos, leve curtição masoquista, vontade de estar elegantíssima. Aprumo ao passo e vou ao banco e ao supermercado, representando a minha própria competência. Caolha. E foi caolha que me propus a recomeçar. Fiz uma alta sopa de legumes e botei ordem na casa. Mamãe foi embora no domingo e ainda fiquei uns dias na casa da Mônica, amiga da Maria Elena, botando pra chorar. Pedi pra ela descolar uma pessoa tipo apoio psicoterápico uma vez por semana. A história se repete ligeiramente.

35:19

Você lendo uma carta dela, por exemplo, uma carta da Ana Cristina, se você tirar para fulana de tal e você tirar no fim com um beijo da Ana, se você tirar esses dois referenciais, o texto que fica é muito próximo do texto que ela publica. O texto dessa carta. A novidade principal é essa interlocução que eu acho rica como se ela falasse diretamente com quem está lendo, como se ela perguntasse ou dissesse aquilo para o coração de quem está lendo aquilo. E isso é uma coisa de fato nova.

37:44

Escrevo, escrevo cartas. É engraçado: eu agora tenho uma pessoa pra quem mandar as cartas, um amigo meu. Antes de tê-lo como correspondente, eu mandava pra mim mesma, então eu escrevia carta.... Começou numa vontade de

nada, não tinha nada pra falar, eu tava meio 'pô, preciso escrever alguma coisa'. Escrevi uma carta que eu não tinha pra quem endereçar e acabou sendo pra mim mesma. E aí eu senti necessidade de responder a carta. No momento que eu fui responder a carta, eu falei: vou responder como se fosse eu mesma mais velha. Então, eu respondo como se eu fosse uma senhora de 70 anos, que sou eu mesma, que moro em outro continente e aí eu fico me respondendo. É ótimo isso. Eu nunca fiz terapia na vida e eu descobri a minha melhor terapia. Eu consigo me psicanalizar super bem fazendo isso.

39:00

Se for continuar, vai ter uma hora que a outra vai morrer! Porque se ela já tem uns 70 e poucos, vai ter uma hora que não tem jeito – eu vou ter que matar, me matar.

39:14

Na vivência pessoal de todo mundo, diário e correspondência, diário e carta, é o tipo de escrita mais imediato e primeiro que a gente tem. Existe muito aquela expressão, né, 'querido diário'... O que você faz num diário? Você tá também de olho num interlocutor. Você escreve um diário exatamente porque não tem um confidente, tá substituindo um confidente teu.

39:56

A Ana teve esse, apertou esse botão de “isso é exatamente o que eu gosto ou é isso que eu quero fazer”, enfim, virou meu modelo total de perfeição. Sei lá, que exagero! Mas enfim. Mas o que eu gosto na poesia da Ana é que ela faz essa brincadeira de diário, de jornal íntimo que na verdade não diz nada. Eu acho que é um barato isso, porque ela, ao mesmo tempo que você pega os poemas dela, você sente que ela tá te deixando como um grande amigo ou um cúmplice, você lê aquilo, fica se achando como se tivesse invadindo o diário de alguém, o cadeado tava meio aberto no quarto da sua irmã e você conseguiu abrir as páginas, mas na verdade não tem segredo nenhum ali, nenhum segredo concreto, não tem nomes reais, pelo menos. É tudo uma grande ficção.

41:06

Eu quando tinha 15 ou 16, eu fiz um intercâmbio pra Nova Zelândia, e fiquei numa cidade mínima que não tinha nada, nada, não conhecia ninguém, claro – imagina, Nova Zelândia, quem conhece alguém?

41:18

Mas quando eu fui pra Nova Zelândia, eu fiz esse caderno que era mais livre para escrever poesia e esse aqui, que era o diário mesmo. Aí eu coloquei a passagem, era tudo bem diário de menina, só faltava o cadeado. Mas enfim. Aí eu colocava 'dia tal-tal-tal, quarto dia'. Eu acho que isso daqui, não fiz por causa da Ana, mas eu acho que foi um ponto em comum que eu encontrei e foi isso que me maravilhou tanto nela. De na verdade ter esse diário que não me dizia nada, mas ao mesmo tempo eu achava que entendia tudo que ela tava falando.

41:58

Carpete marrom. Eu escrevi em 2004, em Orewa, essa cidade muito pequena na Nova Zelândia. Não é poema, é em prosa. Tomo chá de gengibre e limão com uma colher de mel, mordisco uns biscoito amolecidos pelo tempo e lambo as pontas dos dedos, sugando os restos de açúcar. Meu bem, já não sei o que dizer. Abri o envelope e devorei a sua letrinha miúda contando as imundícies da adolescência e reprovei em tom de mãe: isso, não. Você me conta as velhas novidades com muita energia. Desculpa. É difícil ler esse, hein? Mas tudo bem. Você me conta as velhas novidades com muita energia e quando tirei os olhos do papel me espantei em não estar aí, juntinho. Os meus pés estão cruzados no outro lado da cama – teimam em tremer esses dois. E quando a gente escutava música, as risadas saíam agudas e os olhos cintilavam enormes, feito jabuticaba. Já aqui é pacato toda vida: nove da noite, não se ouve o telefone tocar e a lua enxerga lá de cima. Antes de entrar no avião ouvi muito conselho de que céu e mar diminuem saudade, já que existem em qualquer parte do mundo. Mas eu não concordo: céu é céu, mar é mar e saudade é tudo, até coisa que não se vê. Só que eu sou forte que nem onça e fechei os olhos com muita vontade pra que ninguém me visse chorar. Já sou gente grande para me derramar em tico-tico na frente dos outros. Agora, preciso ter segredos. Não é assim que se faz quando cresce? Pois tem dias que fico bastante quieta, observando com sentido de bicho. E a cabeça chega a machucar de tanta idéia que cutuca. Sabe, essa cama está uma bagunça com os dias espalhados e gostos trocados. Porque o calendário desse povo é muito doido: você já imaginou que eu estou na noite da sua manhã? Enfim, não é muito bom, mas era lendo Ana Cristina Cesar com 16 anos no outro lado do mundo.

45:28

Ela leu que tinha um edital da Rottary Club, que era um clube muito reacionário, muito conservador, quase militar e que o Rottary Club tava oferecendo bolsas para a Inglaterra. E era muito engraçado porque ela foi na minha casa pra se vestir pra entrevista do Rottary Club. Aí fica tão claro... Ela não sabia que roupa que ela botava: de menininha, de fatal, de senhora, de tímida, de distinta, de cafajeste. Então, essa conversa sobre o vestido durou horas e horas e horas. Então, a coisa mais importante do mundo naquele minuto era qual a personagem que ela ia montar pros rottarianos. Eu não me lembro bem como ela foi, mas os rottarianos deram a bolsa pra ela.

46:23

Em Londres, perdida, só num restaurante. E estavam tocando música qualquer - e de repente tocaram música brasileira e ninguém soube, e eu ouvia aquela música e olhava pelo espelho as pessoas comendo sem saber. Elas sem saber da música que era brasileira, do meu cansaço oculto pelas pálpebras, baixando sob a terra e nem solavancos nem risos interrompiam o meu cansaço tão abstrato. O meu coração da esquerda se engalfou com o meu coração da direita, e eu gritei no restaurante: onde estão? Ninguém sabe. Estava quente, abafado, pesado e seco. E eu precisando dormir. Mais uma vez o coração não bate, mas não é por preguiça, não. Esquece que você está roubando guardanapos dobrados burramente.

47:21

Na realidade, o que ela fez na Inglaterra muito mais do que estudar ou do que escrever, você vê isso pelas cartas, era viver como uma inglesa. Era fazer o número da inglesa, as fotos que ela mandava era: eu sou uma inglesa. A imagem que me ficou foi da chegada dela na minha casa, com uma roupa totalmente estapafúrdia, uma calça larguíssima amarela, uma blusa azul-turquesa, óculos gigantes, cabelo desgrenhado – ela chegou arrasando, chegou passando uma mensagem pop, uma mensagem moderna, uma mensagem que não era muito igual ao que a gente imaginava dela. Essa coisa do figurino eu acho importante porque quando eu falo figurino eu penso personagem. Ela tem a menininha, ela tem a ingênua, ela tem a fatal, ela tem a art nouveau, ela tem... As fotos vão acompanhando ela, o imaginário dela. Tantas Anas Cristinas... E existia mesmo, ela encenava mesmo. Não era que nem o outro que tem 400 na cabeça – eu sou 400, não era. Ela era de fato 400. Ela era 400 personagens, não é o que eu dela fosse 400 como no outro poeta. Ela era 400 personagens e ela se vestia pra isso, ela tinha trabalho pra fazer esses personagens.

48:45

Quem é Ana Cristina? Pra mim é uma série de fotografias que eu vejo uma pessoa completamente diferente dela mesma. Ela até fala que ela nunca é idêntica a ela mesma. Realmente, ela não é. Como é que pode ser tão... Uma hora um cabelo encaracolado, com uma cara assim, outra hora ela é aquela mulher sensual que te olha – isso me impressiona.

50:08

Eu acho que ela criou esse mito e eu acho que é inevitável que as pessoas não separem muito essa figura enigmática que ninguém consegue muito desvendar com os poemas que ninguém consegue desvendar. Então, acho que é uma coisa só. Diferentemente de todo mundo, ela continua jovem e linda. Eu acho que é isso que é tão diferente dos outros. Porque todo mundo envelhece, todo mundo fica cheio de problemas. E ela tá sempre ali, paradinha, de óculos escuros, linda, enfim, na Inglaterra, numa foto ali, cruzando uma ponte.

51:47

Qual foi a principal marca que a Ana deixou na sua vida?

51:52

Bom, essa é uma pergunta enorme. Qual é mesmo a pergunta?

52:01

O quê que ficou de mais marcante dela na sua vida, a principal marca da pérola na sua vida?

52:10

Ela me mostrou, sem fazer trocadilho, a pérola me mostrou a ostra que eu sou. Ela me mostrou o quanto eu sou fechado, o quanto eu era mais fechado ainda. Ela me ensinou a abrir-me um pouco mais para os outros. Você, as pessoas me vêem hoje mais, pelo menos, como uma ostra aberta e não como uma ostra fechada. E ela me mostrou, vamos dizer, me auxiliou nisso, muito, ao falar do meu jeito encrascado de ser, que eu era em 1970, que eu fui nos meus 30 anos. Continuo

sendo hoje, mas eu posso entrar de férias. Naquela época eu não podia entrar de férias, eu não sabia entrar de férias. E me ensinou assim, não dando aulas, falando, conversando, como nós estamos aqui, conversando. Mas isso foi um longa conversa, de muitos anos, era o telefone, talvez o maior que eu dei, de sete horas, eu e ela, falando no telefone, e começamos com uma questão: quem ia pra casa de quem, se eu ia pra casa dela naquele dia ou se ela vinha pra cá. Tava chovendo, era frio, não sei o quê, ela dizia: bom, é melhor você vir pra cá, eu dizia não, eu to aqui, venha pra cá. E durante sete horas, ninguém foi pra casa de ninguém e ficamos falando sobre essa questão e sobre muitas outras. Então, essas conversas que duraram muito tempo de uma vida, porque nem tanto tempo assim temporalmente falando, cronologicamente falando, mas existencialmente falando, eram muito intensas as conversas porque brigávamos muito, mesmo. A gente tinha brigas, assim, muito sérias. Eu deixava de falar com ela, ela deixava de falar comigo, talvez eu mais do que ela, ficava de saco cheio. Porque, se eu não era fácil, ela também não era, compreende? Ela era difícil, encrencada, cheia de problemas.

55:35

Para mim, a presença dela foi vital e até hoje ela está comigo.

56:14

Tem uma coisa muito interessante no espetáculo também, que é o seguinte: tudo que é dito é a palavra da Ana, tanto a poesia quanto a prosa. Tudo que eu falo é dela. Não tem uma costura da dramaturgia para se chegar ao poema da Ana, entende? Tudo é a palavra dela – por isso eu acho que o espetáculo é tão forte.

56:42

É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço.

56:46

Até chegar a esse título vocês pensaram em outro?

56:50

Não. A gente não pensava em nada. A gente ficou batendo cabeça um tempão, falando “meu deus, como a gente vai chamar?” Porque essa coisa, né, é sempre mais difícil ancorar um navio no espaço, é muito confidencial essa declaração.

57:15

Esta é a mala de couro que contém a famosa coleção. A primeira coisa que encontramos por cima de tudo é....?

57:28

Cartões - postais!

57:29

Não! Não, não, não. Um par de luvas, ei-las! Luvas de pelica, coisa fina.

57:49

Sempre, quando você escreve, tem sempre uma história que não pode ser contada, entende? Que é basicamente a história da nossa intimidade, a nossa história pessoal, essa história ela não consegue ser contada. Se você conseguir contar a tua história pessoal e virar literatura não é mais a tua história pessoal, já mudou. Quê que é isso de literatura, que texto maluco é esse, que conta e ao mesmo tempo não conta?

58:25

Quanto mais você se aproximava dela mesmo no A Teus Pés, mais distante você ficava. Ela te enganava sempre. O Armando Freitas Filho me disse: cuidado com Ana Cristina, quando você ler, porque ela mente muito. É mentira do ponto de vista fotográfico, da filosofia do aparente. Mas é verdade na profundidade do sentimento.

58:51

Eu só sei que eu tava sentindo era um pânico, era um pânico, debruçada naquela murada. Adeus, adeus tudo que aprendi até agora. É quando um anjo, instável nas asas, sobe ao mastro e esquece as lições do vôo.

59:13

Eu tive noites sem dormir, de ficar identificada demais. Não que eu to virando Ana Cristina porque a gente sabe que não ta virando. Mas de me aproximarmos muito demais do sentimento. Falar: eu conheço isso também, eu sinto isso da mesma maneira. Que medo, sabe, de ver isso tão traduzido assim por ela.

59:40

Ela é uma falsa íntima. Ela chega perto, mas você não segura. Eu acho que não tem muita intimidade, não. Tem mais encenação do que intimidade. Ela tem uma intimidade com ela mesma, né, porque o que ela procura é ela, ela é muito autorrefletida. Ela chega muito perto mas aí dá um passo à direita e você perde o foco. Ou então, ela chega perto demais e você perde o foco porque tá perto demais, também, pode ser.

1:00:10

Abri curiosa o céu. Assim, afastando de leve as cortinas. Eu queria rir, chorar ou pelo menos sorrir com a mesma leveza com que os ares me beijavam. Eu queria entrar, inteiriça, coração ante coração ou pelo menos mover-me um pouco com as agitações me chamando. Eu queria apanhar uma braçada de luz do infinito que em mim se misturava. Ou captar o infinito no espaço... não! Nos momentos mínimos do espaço, nu e cheio. Eu não sabia que virar pelo avesso era uma experiência mortal.

01:01:06

Eu não sabia que virar pelo avesso era uma experiência mortal. É perigoso você mexer nisso, virar pelo avesso, ver o outro lado das coisas. E ela tava sempre procurando ver o outro lado das coisas e mostrar o outro lado das coisas. Então, a idéia da ruptura da poesia é exatamente essa, de você quebrar os padrões, romper os padrões, “eu faço o não poema”, né? A não poesia.

01:02:06

Ela foi chamada pra falar na PUC e aí houve uma pergunta na PUC dos alunos, mas por quê você escreve essas coisas assim tão cruas, por que você não escreve sobre nuvens, céu, como uma mulher deve escrever - isso um aluno, hein? Por que você não escreve como Cecília Meireles, sobre estrelas, nuvens... Aí a Ana respondeu assim: mas Cecília Meireles é homem! Quer dizer, ela respondeu, ela teve esse achado espetacular! Porque ela mostrou que a poesia que Cecília fazia, para ela naquela época soava como uma poesia que tinha o comportamento masculino.

01:03:53

E por quê a Ana não era homem? Porque a poesia dela, junto com o movimento de mulheres, daquela época, de afirmação, reflete isto, reflete o corpo da mulher, a ambiência da mulher, não visto pelo homem, mas visto por uma mulher.

01:04:20

1970. Tava se despertando um tipo de estudo, um tipo de atenção à fala feminina que foi único e é nesse momento que Ana Cristina aparece, muito impregnada disso.

01:04:34

Você acha que dá pra falar em literatura feminina?

01:04:38

Não, eu acho que não dá pra falar em literatura feminina e dá. Não dá pra falar se você achar que mulher é assim, mas dá pra falar se você lembra que isso é uma coisa cultural, essa fala foi construída por problemas culturais, por impedimentos, pelo gerenciamento familiar, pelo padrão de sedução que deram pra mulher avançar, então você tinha truques.

01:05:12

Mulher não é igual a homem, não. É diferente. A essência humana é a mesma, mas a prática da vida é diferente.

01:05:26

Como que é diferente?

01:05:28

Oh, meu deus! O homem é mais simplificado, tem menos peças no corpo, é mais muscular. História cultural. A mulher é natureza, mulher é um bicho indomável. Mulher usa subterfúgios para sobreviver.

01:05:52

Pergunto aqui se sou louca, quem, quem poderá dizer? Pergunto mais se sou eu, ainda mais se sou sã. Que uso o viés para amar e finjo fingir que finjo adorar o fingimento fingindo que sou fingida.

01:06:12

É muito da gente. Dá até vontade de falar: vocês querem entender as mulheres?
Lê Ana Cristina Cesar, ta tudo lá!

01:07:05

E ela sempre tá falando com um interlocutor que não existe. Quando você tem um interlocutor muito presente – e ela tinha, só que você não sabia quem era, quando você tem um interlocutor muito presente, você não precisa falar tudo, porque ele já sabe metade das coisas que você tá se referindo, às quais você ta se referindo. Então, quando você fala com a sua irmã, com a sua amicíssima, você não precisa explicar cada coisa entre vírgulas. Então, ela guardava metade, porque esse interlocutor tinha informações. Só que o leitor não tem essas informações, e esse interlocutor nunca existiu. Então, é uma relação de esconde-esconde, falar só um pouco, de omitir algumas coisas, de espelho. Ela falava com ela mesma muitas vezes, era uma relação muito especular. Isso atrai muito, porque você fica se sentindo ávida por mais informação, por pegar aquela criatura, segurar, entender aquela pessoa. Então, eu acho que isso atraiu muito. E depois também a figura dela, que era muito linda, que tava encaixada no marginal sem ser marginal e que se matou.

01:08:27

E as gerações cada vez mais novas, cada vez mais fieis à descoberta de quem é Ana Cristina, porque a pergunta é sempre essa. É engraçado que quando você... Tem muita gente que me entrevista pra tese. É raro falar da estética dela. As pessoas querem saber quem foi ela. Então, você vê que a fala dela é essa fala de esconde-esconde e isso é um trunfo que ela tinha na mão.

01:09:15

Ana, mulher é mesmo um bicho indomável? Eu não te conheci em 72 nem em 73, e ainda acho que a tua sereia sempre escapa. Mas guardo todas as cartas que um dia te escrevi. Se de tudo que foi dito, restaram apenas as tuas palavras e por isso o espetáculo é tão forte, desisto das fluências e dos truques e aqui termina o meu safári.

01:09:50

Ok? Vocês, depois vocês me escrevam cartas, eu quero receber cartas. Vocês me escrevam cartas do que vocês acharam. Prezada autora...